

COLÉGIO SÃO LUÍS

**ENSINO MÉDIO
CURSO DE METODOLOGIA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

VALENTINA MARIA COLOMBO BAGNOLES

O PSICOPATA CINEMATOGRAFICO: UMA ANÁLISE DE HANNIBAL LECTER

Do filme à série, entre sofisticação e perversão

São Paulo

2025
VALENTINA MARIA COLOMBO BAGNOLES

O PSICOPATA CINEMATOGRAFICO: UMA ANÁLISE DE HANNIBAL LECTER
Do filme à série, entre sofisticação e perversão

Artigo apresentado como requisito de aprovação em “Metodologia de Iniciação Científica”, na 2ª série do EM do Colégio São Luís

Orientadora: Profa. Julia Gomes D’Almeida

São Paulo
2025

Dedico este trabalho à minha família e aos meus amigos, que estiveram ao meu lado em todos os momentos, me apoiando e me incentivando.

AGRADECIMENTO

Agradeço profundamente aos meus amigos, cuja presença tornou este processo mais leve e significativos. Em especial, à minha amiga Gabriela Maués, por compartilhar comigo cada etapa desta jornada, oferecendo apoio e incentivo durante as fases mais difíceis deste trabalho.

Aos meus pais, que compreenderam toda a situação e me permitiram abrir mão de eventos em família para que eu pudesse me dedicar integralmente a este projeto.

Ao meu primo, Nicola Colombo, cuja contribuição foi essencial para a escolha do tema, agradeço por sempre acreditar em mim, por me inspirar a seguir aquilo que realmente amo e, sobretudo, por me ensinar a nunca desistir.

Ao meu cachorro, Dante, que sempre me fez companhia nos momentos mais estressantes, garantindo que eu nunca me sentisse sozinha.

Também expresso sincera gratidão à minha professora e orientadora Julia Gomes D'Almeida, por sua paciência e constante incentivo nos momentos mais desafiadores. Sua confiança em meu potencial foi de extrema importância para que eu acreditasse em mim mesma, especialmente quando pensei que não seria capaz de seguir em frente.

*“A civilização começou na primeira vez que
uma pessoa zangada lançou uma palavra
em vez de uma pedra.”*

(Sigmund Freud)

RESUMO

Este trabalho analisa a construção do personagem Hannibal Lecter nas obras *O Silêncio dos Inocentes* (1991) e *Hannibal* (2013-2015), com base no estudo clássico *The Mask of Sanity* (1976), de Hervey Cleckley. A pesquisa teve como objetivo compreender de que maneira Hannibal Lecter encarna os dezesseis traços de psicopatia descritos pelo autor, investigando sua representação sob a ótica psicanalítica e audiovisual. Por meio de uma abordagem qualitativa e interpretativa, observou-se que o personagem manifesta aproximadamente doze desses traços, entre eles o charme superficial, a ausência de remorso, a manipulação, o egocentrismo e a frieza emocional. No entanto, Hannibal também transcende a definição clínica tradicional, apresentando racionalidade, controle e refinamento estético que transformam a psicopatia em um fenômeno simbólico e narrativo. Ademais, a análise das relações com Will Graham e Clarice Starling reforça a ambiguidade afetiva e a complexidade moral dos personagens, revelando como o audiovisual reinterpreta categorias psiquiátricas para compor figuras de grande densidade psicológica. Portanto, conclui-se que Hannibal Lecter representa o “psicopata cinematográfico”, um arquétipo que une o horror e a beleza, o intelecto e a monstruosidade, reafirmando a capacidade da ficção de remodelar conceitos clínicos.

Palavras-chave: Psicopatia; Cinema; Psicanálise; Hannibal Lecter; Cleckley.

ABSTRACT

This study analyzes the construction of the character Hannibal Lecter in *The Silence of the Lambs* (1991) and *Hannibal* (2013-2015), based on Hervey Cleckley's classic work *The Mask of Sanity* (1976). The research aimed to understand how Hannibal Lecter embodies the sixteen traits of psychopathy described by the author, investigating his representation from a psychoanalytic and audiovisual perspective. Through a qualitative and interpretative approach, it was observed that the character exhibits approximately twelve of these traits, including superficial charm, lack of remorse, manipulation, egocentrism, and emotional coldness. However, Hannibal also transcends the traditional clinical definition by displaying rationality, control, and aesthetic refinement, which transforms psychopathy into a symbolic and narrative phenomenon. Furthermore, the analysis of his relationships with Will Graham and Clarice Starling reinforces the emotional ambiguity and moral complexity of the characters, revealing how audiovisual media reinterpret psychiatric categories to create psychologically rich figures. Therefore, it is concluded that Hannibal Lecter represents the "cinematic psychopath", an archetype that unites horror and beauty, intellect and monstrosity, reaffirming fiction's ability to reshape clinical concepts.

Keywords: Psychopathy; Cinema; Psychoanalysis; Hannibal Lecter; Cleckley.

Lista de ilustrações:

Figura 1 – Primeira aparição de Hannibal Lecter em sua cela.....	19
Figura 2 – Olhar de Hannibal Lecter atrás das grades.....	22
Figura 3 – Hannibal Lecter atrás das grades.....	23
Figura 4 – A icônica máscara de Hannibal Lecter.....	24
Figura 5 – Preparação culinária em <i>Hannibal</i>	28
Figura 6 – Figurino de Hannibal Lecter.....	29
Figura 7 – Consultório de Hannibal Lecter.....	30
Figura 8 – Cena de crime feita por Hannibal Lecter.....	43

Lista de abreviaturas e siglas

NBC National Broadcasting Company¹

¹ Companhia Nacional de Radiodifusão

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. A CONSTRUÇÃO DE HANNIBAL LECTER EM DIFERENTES MÍDIAS	18
2.1 HANNIBAL LECTER DE JONATHAN DEMME	18
2.1.1 O olhar de Hannibal Lecter: expressão do controle e da dominação	20
2.1.2 Hannibal Lecter: o selvagem e o refinado	22
2.2 HANNIBAL LECTER DE BRYAN FULLER	25
2.2.1 Canibalismo como um ato de sofisticação	27
2.2.2 O espaço como reflexo da mente de Hannibal	30
3. HANNIBAL LECTER E OS 16 TRAÇOS DA PSICOPATIA EM CLECKLEY	33
3.1 HERVEY CLECKLEY E A MÁSCARA DA SANIDADE	33
3.1.1 Os 15 pacientes de Cleckley	33
3.2 OS 16 TRAÇOS DE CLECKLEY	34
3.3 HANNIBAL LECTER À LUZ DOS 16 TRAÇOS DE CLECKLEY	37
3.3.1 Charme superficial e boa inteligência	38
3.3.2 Ausência de delírios e pensamento racional	38
3.3.3 Ausência de nervosismo ou manifestação psiconeuróticas	39
3.3.4 Imprevisível ou pouco confiável	40
3.3.5 Falsidade e insinceridade	41
3.3.6 Falta de remorso ou vergonha	42
3.3.7 Comportamento antissocial inadequadamente motivado	43
3.3.8 Julgamento pobre e fracasso em aprender com a experiência	44
3.3.9 Egocentrismo patológico e incapacidade para o amor	45
3.3.10 Pobreza geral das grandes reações afetivas	46
3.3.11 Perda específica de introspecção	46
3.3.12 Insensibilidade em relações interpessoais	47
3.3.13 Comportamento fantástico e desagradável, com ou sem bebida	47
3.3.14 Ameaças de suicídio raramente praticadas	48
3.3.15 Vida sexual impessoal, trivial e mal integrada	48
3.3.16 Fracasso em seguir qualquer plano de vida	49
4. AS RELAÇÕES DE HANNIBAL LECTER	50
4.1 HANIBAL E WILL GRAHAM	50
4.2 HANNIBAL LECTER E CLARICE STRALING	51
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55

1. INTRODUÇÃO

Quando falamos de psicopatia, as pessoas tendem a interpretar o transtorno de uma maneira estereotipada e baseada no senso comum, ignorando completamente a verdade sobre tal distúrbio. O psiquiatra francês, Philippe Pinel (1801), foi o primeiro a notar pacientes que apresentavam comportamentos impulsivos e violentos, mas que mantinham sua capacidade de raciocínio intacta, além de terem total consciência da irracionalidade de suas ações. Além disso, durante o século XIX, o psiquiatra alemão, Kurt Schneider (1923), definiu a psicopatia como uma anormalidade de personalidade que causava sofrimento ao indivíduo e à sociedade.

O conceito se estabeleceu no ano de 1941, com a publicação do livro “A Máscara da Sanidade,” escrito por Hervey Cleckley, abordando a primeira descrição formal de traços de psicopatia, que mais tarde foi adaptado para versões mais atualizadas. Foi por meio da medicina legal que essa ideia surgiu, quando médicos notaram que criminosos cruéis e agressivos não apresentavam sinais clássicos de insanidade. Com isso, o estudo da psicopatia surgiu com objetivo de criar categorias monográficas para esses pacientes. Esses estudos tiveram como base casos criminais e de pacientes psiquiátricos com entrevistas e observações, tendo, assim, um papel fundamental para o desenvolvimento das concepções modernas da psicopatia (Cleckley, 1941, apud PEREIRA TEIXEIRA et al., 2009).

O psicopata, apesar de sua aparência de normalidade, é um indivíduo profundamente perturbado emocionalmente, incapaz de sentimentos genuínos de afeto, empatia ou culpa, e, no entanto, dotado de um charme superficial que frequentemente engana os que o cercam. (CLECKLEY, 1982, p. 339)

Além disso, Cleckley buscou desvincular a psicopatia de comportamentos criminosos, estabelecendo, dessa forma, um perfil detalhado dos psicopatas, focando, principalmente, em suas características de personalidade. Ele identificou 16 traços principais dos psicopatas, sendo eles: charme superficial, ausência de delírios, falta de remorso, comportamento antissocial e egocentrismo patológico. É possível observar que essas características não estão associadas diretamente a atos criminosos, mas sim à estrutura de uma personalidade específica. Dessa maneira, ao

desvincular a psicopatia do crime, Cleckley fez com que a sociedade compreendesse melhor o fato de que esses indivíduos podem estar presentes em diferentes contextos, não apenas em ambientes carcerários, mas também em posições de poder ou em relações interpessoais comuns (Cleckley, 1941, apud PEREIRA TEIXEIRA et al., 2009).

Quando falamos de comportamento, é impossível não falar do pai da psicanálise, Sigmund Freud. Nascido na atual Tchêquia, Freud foi um importante médico neurologista e psicanalista, sendo suas teorias mais famosas o complexo de Édipo e a repressão psicológica.

Freud faz uma abordagem diferente em relação à psicopatia, usando o termo “perversão” para representar o distúrbio. Ele entendia isso como uma estrutura subjetiva específica ligada ao desejo e a fantasia. Os psicopatas ou perversos, para Freud, apresentam uma falha no desenvolvimento do superego (aspecto moral da personalidade do indivíduo), resultando em um comportamento desvinculado de culpa e remorso, visto que o superego do indivíduo é fraco ou ausente. Segundo a teoria psicanalítica o id, parte primitiva da mente que opera segundo o princípio do prazer na busca da satisfação imediata, desconsiderando completamente as consequências ou a realidade externa, domina o funcionamento psíquico dos psicopatas, enquanto o superego é enfraquecido ou inexistente, explicando, dessa maneira, a ausência de consciência moral e a dificuldade em estabelecer vínculos emocionais genuínos. Ele também acreditava que os perversos não aprendiam com punições, devido a estrutura psíquica de seus cérebros, que não permite internalizar essas vivências de forma significativa.

O superego severo e punitivo pode se transformar em uma instância quase sádica, mas sua ausência completa, como no caso dos perversos, deixa o sujeito entregue ao domínio do id, sem a mediação moral necessária para conter seus impulsos. (FREUD, 1923, p. 40)

Dessa forma, os estudos comportamentais feitos por Freud tiveram grandes influências no ramo da arte, principalmente no cinema. Ele explorou como filmes podem refletir, evocar e moldar os desejos inconscientes, medos e ansiedades tanto dos cineastas quanto dos espectadores. A teoria do inconsciente de Freud defende a existência de um nível mental que não está acessível à consciência, porém, influencia a maior parte das nossas ações, sentimentos e pensamento. Ele aborda que filmes frequentemente funcionam como projeções de desejos primitivos, permitindo que o

espectador se conecte emocionalmente com temas profundos. Além disso, Freud propôs que as narrativas cinematográficas podem ser estruturadas em torno de três instâncias psíquicas: o id, o ego e o superego.

O cinema é a máquina de sonhos da era moderna. Ele oferece imagens que encenam desejos inconscientes, conflitos internos e fantasias reprimidas, funcionando como uma extensão da própria estrutura do psiquismo humano. (METZ, 1977, p. 99)

Ademais, a interface entre cinema e psicanálise é essencial para entender e analisar a construção de personagens psicologicamente instáveis. Com isso, a psicanálise não é o único fator que se leva em consideração para entender a construção desses personagens, mas também os elementos presentes em uma produção cinematográfica exercem um papel fundamental na construção de um personagem. A direção da arte, fotografia, trilha sonora, figurino e enquadramentos são essenciais para transmitir ao espectador as características psicológicas e simbólicas do personagem. Dessa forma, a maneira como ele é apresentado influencia diretamente na percepção que o público terá dele, sendo essencial em análises mais profundas, como as de viés psicanalítico.

Com isso, o personagem Hannibal Lecter, tanto no filme *Silêncio dos Inocentes* quanto na série *Hannibal*, se encaixa em um contexto psicanalítico complexo que combina elementos da psicopatia, perversão e manipulação. O personagem é um exemplo clássico da representação da psicopatia no cinema, tendo como suas principais características a inteligência, charme superficial, ausência de remorso e a manipulação.

Para mais, o tema desse trabalho reside na representação da psicopatia na mídia, e como ela influencia diretamente na forma como a sociedade compreende os transtornos mentais e seus portadores. Portanto, no campo acadêmico, o estudo contribui para o diálogo entre a psicologia, a psicanálise e os estudos de cinema, permitindo uma análise interdisciplinar sobre como conceitos clínicos são interpretados no âmbito da arte. Além disso, socialmente, compreender a verdade sobre tal transtorno é essencial para acabar com estereótipos e percepções distorcidas sobre a psicopatia, que muitas vezes é retratada de maneira romantizada ou extrema. Dessa forma, a pesquisa busca promover uma reflexão crítica sobre o

impacto cultural dessa imagem e sobre a responsabilidade das produções audiovisuais na formação da percepção pública.

Ademais, a representação de Hannibal Lecter no cinema é frequentemente romantizada e glamourizada, influenciando diretamente na percepção popular sobre a psicopatia. Isso cria um mito ao redor do personagem, distorcendo a realidade dos transtornos de personalidade antissocial. A figura dele influenciou a cultura popular, tornando-se um ícone de inteligência e manipulação.

A figura do psicopata na cultura popular se afasta cada vez mais da realidade clínica, sendo frequentemente representada como fascinante, carismática e sofisticada, o que contribui para um perigoso encantamento do público com personagens que, na realidade, representam distúrbio severos de personalidade.

Outrossim, os elementos visuais e simbólicos presentes em cenas, são fundamentais para moldar seu personagem e reforçar sua imagem de psicopata, como por exemplo, na série *Hannibal*, é possível interpretar o consultório dele como uma representação visual de sua sofisticação e inteligência. Ademais, o uso de contraste de luz e sombra ajudam a criar uma atmosfera de mistério e perigo, reforçando a sensação de que ele é um personagem misterioso e ameaçador, algo típico do gênero horror e *thriller* psicológico. O enquadramento também é um fator importante para entendermos a construção do personagem, a apresentação de Hannibal com vidros e barras de ferro como barreiras, mostra seu lado primitivo, fazendo o espectador entender o quão perigoso ele pode ser. Além disso, na série, o ato de cozinhar e consumir carne humana é retratada com elegância, reforçando a imagem de um psicopata sofisticado, mas em contraste há a brutalidade do ato, deixando clara sua perversão.

Em suma, é possível compreender que a psicopatia vai muito além do senso comum e das representações estereotipadas e até, em certa medida, romantizadas. Percebe-se que o psicopata não é apenas o criminoso violento, mas sim um sujeito com estrutura psíquica peculiar, tendo como principais características a ausência de remorso, empatia e moralidade. A representação de Hannibal Lecter no cinema evidencia como a ficção pode glamourizar e até romantizar essa figura. No entanto, ao analisar o personagem, torna-se evidente que sua construção vai muito além da superfície estética e narrativa, revelando camadas profundas de perversão,

manipulação e narcisismo patológico. Portanto, a interseção entre psicanálise e o cinema oferece uma maneira de compreender aspectos fundamentais da mente humana e de como ela é representada artisticamente.

O personagem, originalmente criado por Thomas Harris em sua obra literária, é uma das figuras mais famosas da representação da psicopatia na cultura popular, sendo constantemente descrito como um assassino sofisticado, manipulador, inteligente, carismático e irônico.

A escolha de Hannibal Lecter como objeto de análise se justifica por sua complexidade psicológica e pela forma como sua representação muda quando se compara o filme e a série. Em *O Silêncio dos Inocentes*, ele é retratado como um psiquiatra sofisticado e canibal, cuja frieza e capacidade de manipulação são centrais para a trama. Já na série *Hannibal*, o personagem é o centro da narrativa, recebendo um aprofundamento narrativo que explora suas relações interpessoais e sua psique de maneira mais detalhada. Essa diferença nas produções contribui para que sua figura se torne um símbolo cultural multifacetado, exatamente o que Umberto Eco (1989) descreve como “personagens que adquirem autonomia simbólica e resistem à linearidade da narrativa, permitindo múltiplas releituras ao longo do tempo”.

Dessa maneira, ao observar essa construção do personagem, é possível aplicar conceitos da psicanálise, como a estrutura perversa descrita por Freud (1923) e dos traços psicopatas descritos por Cleckley (1941), ampliando a compreensão sobre como o audiovisual representa, dramatiza e até glamouriza transtornos mentais na cultura contemporânea.

Hannibal, é visto como perverso visto que desconsidera totalmente a moralidade, o desejo do outro e os limites sociais. Além disso, a figura de Hannibal é vista como repulsiva, mas ao mesmo tempo fascinante, representando uma manifestação simbólica dos conflitos internos e do inconsciente do espectador. A maneira que ele é representado, por meio de elementos cinematográficos, potencializa a ambiguidade entre horror e fascínio.

Outro aspecto importante é a forma como o personagem escapa das representações tradicionais de criminosos insanos ou impulsivos. Ele é representado, em todas as obras, como um ser racional, estratégico e refinado. Essas características se aproximam do conceito de Hare (1993), que aborda a ideia do psicopata funcional, ocupando cargos de liderança e mantendo uma vida social que aparenta ser normal, mas ainda sim demonstrando frieza emocional e comportamento antissocial.

Portanto, Hannibal Lecter se configura como um objeto de estudo complexo, pois reúne elementos clínicos, teóricos e simbólicos que possibilitam uma análise da compreensão da psicopatia e da maneira que a arte cinematográfica molda e influencia a percepção da sociedade sobre o funcionamento psíquico e os transtornos mentais.

Este estudo tem como objetivo compreender as divergências e semelhanças do personagem Hannibal Lecter no filme *O Silêncio dos Inocentes* e na série *Hannibal*, utilizando a psicanálise como principal ferramenta teórica. A pesquisa se baseará em uma revisão bibliográfica dos principais autores da psicanálise, como Freud, e Cleckley. Além disso haverá uma análise da cinematografia do filme e da série para identificar os elementos narrativos, simbólicos e estéticos que contribuem para a construção da identidade do personagem em ambas as produções.

Dessa forma, tendo em vista os conceitos psicanalíticos apresentados e a relevância do personagem Hannibal Lecter no cinema, este trabalho busca responder às seguintes questões centrais: como a construção estética e narrativa de Hannibal Lecter nas produções cinematográficas, articulada com os conceitos psicanalíticos e clínicos da psicopatia, contribui para uma representação sofisticada, romantizada e potencialmente distorcida da figura do psicopata contemporâneo? De que forma a interseção entre psicanálise e cinema aprofunda essa análise?

Percebe-se então, como hipótese primordial, que a análise comparativa entre o Hannibal Lecter do filme *O Silêncio dos Inocentes* e da série *Hannibal* revela diferenças significativas na construção do personagem, enquanto o filme o apresenta como um antagonista misterioso, intelectual e ameaçador, a série aprofunda sua psique, explora suas relações afetivas, especialmente com Will Graham, e o humaniza por meio de recursos estéticos e narrativos. Ambas as produções, contudo, retratam um psicopata sofisticado, irônico e manipulador, capaz de criar conexões emocionais complexas com outros personagens. Essa dualidade contribui para a fascinação do público, que se vê atraído por figuras moralmente ambíguas, desafiando a clássica dicotomia entre bem e mal.

Este trabalho será desenvolvido por meio de uma abordagem qualitativa, com foco em uma análise comparativa aprofundada da série *Hannibal* e do filme *O Silêncio dos Inocentes*, a fim de examinar as variações na construção do personagem Hannibal Lecter em diferentes linguagens audiovisuais e propostas artísticas. A partir dessa comparação, buscar-se evidenciar as distinções nos aspectos clínicos, simbólicos e

subjetivos da figura do psicopata. Para isso, será realizada uma revisão bibliográfica fundamentada em conceitos psicanalíticos clássicos, especialmente de Freud e Cleckley, organizada em torno de três eixos principais: a psicopatia enquanto estrutura clínica e representação simbólica, a constituição do sujeito e do eu, e a influência do meio audiovisual na construção e recepção do personagem.

Além disso, serão examinados aspectos técnicos e estéticos, como fotografia, trilha sonora, estrutura dos diálogos, figurinos, atuação e a dinâmica entre os personagens, com o objetivo de compreender como esses recursos contribuem para a romantização da figura do psicopata e sua aceitação na cultura popular contemporânea.

Para a organização do estudo, ele será organizado em quatro capítulos, no capítulo um, será abordado as diferenças e semelhanças na construção do personagem Hannibal Lecter, nas obras *Silêncio dos Inocentes* e *Hannibal*, levando em consideração os aspectos narrativos, simbólicos e estéticos, também será feita, no capítulo dois, uma análise de como Hannibal equilibra sua inteligência sofisticada com seus impulsos primitivos e como isso reforça sua construção como um vilão fascinante. Além disso, no capítulo três, a representação do personagem e sua influência na percepção do público será analisada, explorando os mecanismos do inconsciente. Por conseguinte, no capítulo quatro será explorado as relações e interações do personagem com os demais personagens de ambas as produções.

2. A CONSTRUÇÃO DE HANNIBAL LECTER EM DIFERENTES MÍDIAS

Dirigido por Jonathan Demme e lançado no ano de 1991, o filme *O Silêncio dos Inocentes*, consolidou-se como uma das obras mais marcantes do suspense psicológico moderno. Seu sucesso se deve, principalmente, à representação icônica do personagem Hannibal Lecter, interpretado por Anthony Hopkins, cuja performance, marcada por olhar penetrante e postura controlada, fez do personagem uma referência entre os vilões do gênero suspense e terror.

Diante da popularidade e complexidade do personagem, em 2013 o psiquiatra, passa ser interpretado pelo ator Mads Mikkelsen, tem sua vida e relações aprofundadas sendo o coprotagonista e antagonista da série *Hannibal*, criada por Bryan Fuller. Com uma estética estilizada, marcada por cenas intensas, simbolismo visual e uma atmosfera mais introspectiva, a obra propõe uma nova leitura do personagem, tornando-o em uma figura mais sedutora, sofisticada e humanizada, desvinculando-o da imagem de um monstro cruel e perverso.

Ambas as obras compartilham traços de sofisticação, inteligência e controle em Lecter, ou seja, aspectos que associam o refinamento estético à mente racional do personagem. Entretanto, suas diferenças são fundamentais: no filme, Hannibal é retratado como um monstro contido, cuja ameaça é perceptível mesmo sob vigilância. Já na série, ele é um homem livre e socialmente integrado, cuja monstruosidade é disfarçada pela aparência civilizada e charmosa.

Em síntese, enquanto o Hannibal de Demme é construído sob a ótica do confinamento e da observação, o Hannibal de Fuller atua na sociedade, refinando sua crueldade sob a estética do belo e do controle.

2.1 HANNIBAL LECTER DE JONATHAN DEMME

Embora sua participação se restrinja a 16 minutos de tela, Anthony Hopkins foi capaz de mudar o rumo dos filmes de suspense psicológico no cinema, deixando uma marca permanente no gênero com sua interpretação intensa e calculada de Hannibal Lecter. O ator teve um papel crucial na construção do personagem, preocupando-se cuidadosamente com cada detalhe.

A primeira aparição de Hannibal Lecter em *O Silêncio dos Inocentes* (Figura 1) é um exemplo claro da construção visual e simbólica do personagem. Na cena, Hannibal

está imóvel no centro de sua cela, com o corpo ereto e o olhar fixo e penetrante, dessa forma, transmitindo uma sensação inquietante de controle absoluto.

FIGURA 1 – Primeira aparição de Hannibal Lecter em sua cela.



FONTE: *SILENCE OF THE LAMBS*. Direção: Jonathan Demme. EUA: Orion Pictures, 1991.

Além disso, o posicionamento da câmera coloca o espectador na mesma posição da protagonista, Clarice Starling, criando um vínculo direto e desconfortável com o personagem. A composição da cena, com o personagem centralizado, o enquadramento frontal e a iluminação neutra, reforça sua autoridade e a sensação de domínio completo sobre o ambiente. A cela, embora confinada, é organizada e preenchida com desenhos e livros, sugerindo inteligência e sofisticação, características que contrastam com a brutalidade de seus crimes.

Essa ambientação não apenas reforça o intelecto e a sofisticação de Lecter, mas também estabelece um contraste simbólico com a natureza violenta de seus crimes. Ao contrário das demais celas do hospital psiquiátrico, que são representadas como desorganizadas, escuras e degradadas visivelmente, a de Lecter se destaca por sua aparência clínica e silenciosa. Tal contraste visual funciona como uma extensão da personalidade do personagem: refinada e controlada. A cela, portanto, atua como metáfora do próprio Hannibal, ou seja, um espaço onde a racionalidade e monstrosidade coexistem sob uma aparência sofisticada.

Portanto, esse cenário vai além de um simples local de confinamento, ele se transforma em um espelho da mente do personagem. Os desenhos nas paredes não são apenas ornamentais, mas revelam uma interioridade rica em simbolismos, com

referências culturais, históricas e até mitológicas. Esses elementos contribuem para consolidar a figura de Lecter como um psicopata atípico, ou seja, uma figura carismática e culta, cuja ameaça não está apenas na violência física, mas no jogo psicológico que estabelece com seus interlocutores e com o público.

2.1.1 O olhar de Hannibal Lecter: expressão do controle e da dominação

O impacto psicológico de Hannibal Lecter no filme está profundamente ligado ao uso estratégico de seu olhar. A atuação de Anthony Hopkins se caracteriza por olhos que raramente piscam, transmitindo uma presença hipnótica e dominante. Essa escolha interpretativa reforça a ideia de controle absoluto sobre as situações, e produz uma tensão constante com o espectador, assim, causando um desconforto natural. Dessa maneira, o olhar se torna uma extensão de sua ameaça silenciosa, elegante e profundamente perturbadora.

Além disso, em várias cenas pode-se observar uma relação voyeurística e intimista entre Clarice e Hannibal, na qual a câmera simula a posição do olhar da protagonista, destacando ainda mais o olhar intimidador do antagonista. Esse recurso cinematográfico, frequentemente usado por Jonathan Demme, posiciona o espectador como observador direto da interação entre os personagens. Com isso, o olhar de Lecter rompe a barreira da tela, criando uma inversão do voyeurismo tradicional do cinema, ou seja, ao invés de apenas olharmos, somos também olhados.

No entanto, em *“O Silêncio dos Inocentes”*, essa lógica é totalmente subvertida. Embora seja um homem, Hannibal não é um sujeito ativo da narrativa tradicional, ele assume uma postura quase fantasmagórica. Ademais, a câmera frontal e fixa, especialmente nas cenas com Clarice, intensifica esse efeito de reversão, fazendo com que o público, tradicionalmente posicionado como observador privilegiado, se sinta observado. Dessa forma, o filme cria uma inversão do voyeurismo clássico: não é o espectador que contempla Hannibal, mas sim, Hannibal que contempla o espectador, consequentemente, colocando todos na mesma posição de vulnerabilidade da protagonista.

Na grande maioria das cenas entre Hannibal e Clarice, a câmera frontal e fixa nos rostos dos personagens produz uma sensação de estar sendo encarado, especialmente quando o olhar de Lecter se volta diretamente para a lente. Isso quebra

a ilusão confortável de que o público é apenas observador externo, porém, nesse caso, os espectadores são colocados na posição de vulnerabilidade de Clarice.

Esse recurso estético intensifica a percepção de que o olhar de Hannibal não é apenas um gesto de atenção, mas também é um instrumento de controle psicológico. Ele observa com intensidade que sugere não apenas a escuta, mas uma leitura completa do outro. Portanto, esse tipo de olhar vai além da simples ameaça, ele analisa cuidadosamente cada detalhe dos personagens que interagem com ele. Logo, isso pode se relacionar com o conceito do “olhar” como elemento estruturante do desejo e da subjetividade. Segundo Lacan (1973, p. 89–94), “o olhar que vejo é o olhar pelo qual sou visto [...] o olhar está do lado do objeto, e não do sujeito. Ele se inscreve no circuito da pulsão escópica como aquilo que falta ao sujeito no campo do visível”.

Nesse sentido, o olhar de Hannibal representa essa inversão: ele não apenas observa, mas também devolve ao outro a consciência de estar sendo observado, expondo-o à própria condição de sujeito desejante e vulnerável.

A partir dessa perspectiva, o olhar de Lecter não é apenas desconfortável porque vê, mas porque invade o espaço simbólico do outro, impondo uma leitura sobre o sujeito. Assim, o olhar se torna uma ferramenta de controle psíquico, aproximando Hannibal da figura do “analista perverso”, ou seja, alguém que enxerga além da máscara dos sujeitos e usa esse poder para manipular o indivíduo.

Outrossim, o olhar frio e penetrante de Hannibal, que pode ser observado na figura 2 impõe dominância e controle das situações mesmo estando atrás das grades ou na sua cela, ou seja, essa barreira não o impede de ameaçar silenciosamente e de forma manipuladora aquele com que conversa.

FIGURA 2 – Olhar de Hannibal Lecter atrás das grades



FONTE: *SILENCE OF THE LAMBS*. Direção: Jonathan Demme. EUA: Orion Pictures, 1991.

Diante disso, o olhar de Hannibal se consolida como uma poderosa ferramenta de domínio psicológico, rompendo os limites da tela e estabelecendo um vínculo de tensão diretamente com o espectador. Jonathan Demme utiliza o olhar e o posicionamento da câmera como meio de manipular tanto os personagens quanto o público, e assim, transformando o olhar de Lecter em um elemento performativo da ameaça, no qual a presença é sentida mesmo na ausência de palavras.

2.1.2 Hannibal Lecter: o selvagem e o refinado

A construção visual de Hannibal Lecter no filme, vai além do olhar penetrante e amedrontador, ela reforça constantemente sua dualidade simbólica, um monstro contido e um homem racional. O traje usado durante sua transferência, que consiste em uma máscara metálica, camisa de força e colete de contenção, remete a imagem de um monstro extremamente perigosos e selvagem, que precisa ser neutralizado. A máscara pode ser interpretada como uma jaula, insinuando que Lecter é um animal enjaulado. Além disso, ela o desumaniza, ocultando sua identidade e transformando-o em uma figura ameaçadora. Entretanto, esse momento de restrição visual contrasta radicalmente com sua imagem dentro da cela, onde Hannibal aparece vestido com roupas de tons neutros, como pode-se observar na figura 3, e frequentemente aparenta estar limpo e com uma postura calma.

FIGURA 3 – Hannibal Lecter atrás das grades



FONTE: *SILENCE OF THE LAMBS*. Direção: Jonathan Demme. EUA: Orion Pictures, 1991.

O figurino minimalista, juntamente da organização minuciosa do espaço, composta por livros e desenhos nas paredes, observado na figura 1.

Em decorrência disso, a cela de Hannibal é mais que um espaço de confinamento: ela encena visualmente a tensão entre contenção e ameaça. Além disso, reforça sua identidade singular, que ultrapassa os limites da loucura ordinária, ou seja, trata-se de um ambiente limpo, delimitado e meticulosamente planejado. No entanto, essa tentativa de controle intensifica a ameaça, pois, mesmo sob vigilância, Hannibal domina o espaço com sua presença. A cela pode ser interpretada como uma metáfora visual de sua mente: racional, organizada, refinada esteticamente, porém, profunda e perversa.

Portanto, o horror não nasce da desordem, mas sim, da simetria, da limpeza e da disciplina. Lecter ocupa um espaço que não busca esconder sua monstruosidade, mas a exerce com uma lógica de controle e racionalidade, tornando-o ainda mais perturbador. Nesse sentido, como propõe Foucault (1975), o poder não se exerce apenas por meio da repressão, mas também por meio da visibilidade e da normatização (mecanismos que tornam o sujeito simultaneamente vigiado e exposto, obediente e anômalo). A construção da cela parece ser insuficiente diante da força simbólica de sua figura. Isso é explicitado na descrição de Harris ao narrar o impacto que Lecter causa em Clarice:

A cela do Dr. Lecter ficava bem separada das outras, de frente para um armário embutido, e era especial também sob outros aspectos. A parte da frente era composta por barras, mas por trás das barras, a uma distância maior que o alcance de um braço humano, havia uma segunda barreira, uma forte rede de náilon estendendo-se do chão ao teto e de parede a parede. [...] Por um rápido momento teve a impressão de que o olhar dele produzia um zumbido, mas o que ela ouvia era a pulsação do seu próprio sangue (HARRIS, 1989, p. 20).

Em decorrência disso, essa descrição revela como a cela, que foi construída para confinar Hannibal e consequentemente proteger as demais pessoas, acaba potencializando a ameaça e o perigo de Lecter. Portanto, sua construção amplifica sua presença simbólica. Dessa forma, a cela deixa de ser apenas um dispositivo disciplinar e trona-se um palco onde o horror se manifesta por meio da organização, da contenção e do controle.

Essa construção também se materializa em seu figurino, que desempenha um papel crucial na expressão da dualidade entre o selvagem e o refinado. A máscara, se tornou extremamente icônica e uma das principais características que remete a Hannibal Lecter, observada na figura 4, funciona como uma barreira física destinada a impedir com que ele ataque fisicamente, também o desumaniza, transformando-o em uma figura ameaçadora. De acordo com Sobchack (1996), a máscara no cinema de horror são extensões visuais de monstruosidade, funcionando como limites físicos e simbólicos entre o humano e o inumano.

FIGURA 4 – A icônica máscara de Hannibal Lecter



FONTE: *SILENCE OF THE LAMBS*. Direção: Jonathan Demme. EUA: Orion Pictures, 1991.

Por outro lado, Hannibal utiliza roupas simples e de tons neutros para representar uma figura racional e controlada. O figurino minimalista reforça a imagem de um homem intelectualmente sofisticado, cuja violência é constantemente medida por lógica e cálculo. Em vista disso, a cor branca frequentemente retratada em seu figurino tem o objetivo de despertar nos espectadores uma sensação de medo e desconforto, pois essa característica é frequentemente associada à médicos e profissionais da saúde, criando uma associação inconsciente entre o personagem e a figura fria e clínica dos consultórios médicos. Ademais, segundo o diretor do filme, Jonathan Demme (1991), e o ator de Hannibal Lecter, Anthony Hopkins, essa decisão estética visava provocar uma reação psicológica no público, evocando o imaginário de assepsia, controle e distanciamento emocional. Além disso, o ator relatou que queria que Hannibal parecesse alguém sempre preparado para um procedimento cirúrgico, o que reforçava a tensão entre aparência inofensiva e ameaça latente (HOPKINS apud MURRAY, 2013).

Assim, o contraste entre a transferência brutal e a serenidade da cela, constrói uma tensão visual que reforça o caráter contraditório de Hannibal Lecter. O figurino articula, junto com a cenografia e a mise-en-scène, a dualidade entre o controle racional e a monstruosidade. De acordo com Sobchack (1996, p. 37), no cinema de horror “o corpo monstruoso é frequentemente construído por meio de signos visuais que rompem com o humano reconhecível, mesmo nas suas formas mais sutis”.

Em suma, tanto a cela quanto o figurino de Hannibal Lecter funcionam como dispositivos visuais fundamentais para expressar sua complexa dualidade. A ameaça que ele representa não nasce da desordem, mas da perfeição controlada, da estética refinada e da inteligência fria que o personagem encarna. Tal como propõe Foucault (1975), Hannibal é um vilão que não amedronta apenas por seus atos, mas também pela forma calculada e elegante com que os articula.

2.2 HANNIBAL LECTER DE BRYAN FULLER

Lançada no ano de 2013, a série *Hannibal*, criada por Bryan Fuller, apresenta uma construção mais aprofundada e multifacetada do personagem Hannibal Lecter, interpretado pelo ator Mads Mikkelsen, ampliando aspectos psicológicos, estéticos e narrativos em comparação ao filme *O Silêncio dos Inocentes* (1991). Enquanto o longa-metragem trabalha com uma representação mais contida e simbólica do

personagem, a série oferece ao espectador uma visão mais íntima e detalhada da vida de Hannibal.

Portanto, a narrativa permite um desenvolvimento maior na camada psicológica do personagem, explorando suas motivações, desejos e métodos de manipulação com maior profundidade. Além disso, a estética de *Hannibal* adota uma cinematografia que mescla o belo e o repugnante, utilizando fotografia sofisticada, composições visuais planejadas e uma direção de arte que transforma até os atos mais violentos em cenas artísticas.

A série realiza uma sofisticada estetização da violência, apresentando os assassinatos de Hannibal como verdadeiras obras de arte visual. As cenas são cuidadosamente compostas, utilizando elementos de mise-en-scène, fotografia e iluminação para transformar o horror em espetáculo estético (LIMA, 2023, p. 4)

Fuller, ao longo da série, desenvolve uma representação de Hannibal que vai além da ideia de uma figura de um monstro irracional, frequentemente visto no filme. Logo, a série opta por uma abordagem mais sofisticada e ambígua. Por outro lado, o filme demonstra que o personagem se resume, em maior parte, na sua capacidade de raciocínio frio aliado a uma natureza bestial e imprevisível.

O personagem criado por Bryan Fuller, assim como o de Jonathan Demme, não é apenas um psicopata violento ou um assassino canibal movido por impulsos primitivos, ele é apresentado como um sujeito intelectualizado, refinado e complexo, cuja violência é calculada cuidadosamente, relativizando os limites entre o bem e o mal. Sua crueldade não surge de um descontrole emocional, mas sim de um processo racionalizado e esteticamente planejado, tornando suas ações ainda mais perturbadoras.

Dessa maneira, é possível observar que Hannibal age com plena consciência de seus atos cruéis e perversos, manipulando pessoas e situações com habilidades psicológicas, sem apresentar características típicas de transtorno de personalidade antissocial. Sua conduta é regida por um código moral próprio, no qual ele enxerga suas vítimas não apenas como alimentos, mas como instrumentos em um jogo intelectual e emocional.

Diferente do filme, que enfatiza o confinamento e a ameaça, Fuller desloca a violência para o campo do belo e do intelectual. Hannibal é mostrado em liberdade, socialmente respeitado, e seu canibalismo assume caráter de ritual artístico. Assim, o

horror não nasce do encarceramento, mas da normalização da monstruosidade no cotidiano.

Lecter é mostrado como alguém plenamente consciente de suas ações, manipulando com maestria os demais personagens. Sua inteligência refinada e o domínio psicológico das situações evidenciam que seus crimes não são impulsos incontroláveis, mas escolhas friamente calculadas (LIMA, 2023, p. 5).

Ao contrário do olhar hipnótico e invasivo do filme, na série o controle de Hannibal se manifesta por meio da palavra e da estética. Sua capacidade de seduzir e manipular substitui o poder de observação que o caracterizava em *O Silêncio dos Inocentes*, revelando uma evolução da dominação, ou seja, do olhar para o discurso.

Essa mudança na narrativa transforma Lecter em uma figura de sedução e fascínio, capaz de estabelecer vínculos complexos com outros personagens, principalmente com Will Graham, o protagonista da série, e também com o próprio espectador, que é constantemente levado a questionar os limites da empatia e da repulsa.

2.2.1 Canibalismo como um ato de sofisticação

O ato de comer carne, na série, é um dos aspectos mais marcantes na representação de Hannibal Lecter. Diferente da abordagem do filme *O Silêncio dos Inocentes*, na qual o horror da violência é mais direto e explícito, a série opta por uma representação mais elaborada, transformando os atos brutais em obras de arte. As cenas de preparo dos pratos são construídas para criar uma contradição entre o belo e o macabro, e podem ser observadas na figura 5.

FIGURA 5 – Preparação culinária em *Hannibal*



FONTE: *HANNIBAL*. Criação: Bryan Fuller. EUA: NBC, 2013-2015.

Essa estética não é apenas visual, mas também um recurso narrativo que reforça a personalidade sofisticada e, ao mesmo tempo, monstruosa de Hannibal. As refeições preparadas por ele são apresentadas com uma estética que remete aos programas de gastronomia, assim, criando um contraste que intensifica o desconforto do espectador.

Ao transformar esse ato de cozinhar carne humana em um ritual de refinamento, a série aproxima Hannibal de uma figura artística, cujo canibalismo vai além do impulso primitivo, mas uma manifestação de poder, controle e estética pessoal. A combinação entre música clássica e a montagem elegante dessas cenas foge do tradicional do gênero de horror, conduzindo o espectador a uma experiência sinestésica, em que o apelo visual das refeições contrasta com a natureza repulsiva de seus ingredientes (Braga et al., 2023).

Além do processo de preparar os pratos, a série também dedica-se ao visual da comida, na construção e decoração dos pratos e de todo ritual que envolve o ato de servir e jantar. A consultora gastronômica Janice Poon, afirma ter criado pratos elaborados e visualmente atraentes propositalmente, para refletir, da melhor maneira, o gosto peculiar, porém ao mesmo tempo refinado de Hannibal.

Ademais, as cenas em que Hannibal recebe convidados em sua casa são marcadas por uma encenação quase cerimonial do momento da refeição, ou seja, a construção dessas cenas transforma o canibalismo em um espetáculo visual, de

poder, manipulação e dominação que Lecter tem sobre seus convidados e, ao final, suas vítimas. Por conseguinte, a principal característica da construção dessas cenas é o zoom focado no prato que está sendo posto na mesa, isso reforça que, este elemento vai além de um simples prato com uma bela apresentação, é um símbolo da brutalidade sofisticada de Hannibal.

Assim como a ambientação e construção das cenas de jantar, o figurino reforça a atmosfera sofisticada construída em torno de Hannibal Lecter. O personagem é frequentemente apresentado vestindo ternos de corte impecável, com tecidos refinados, cores sóbrias e combinações elegantes, que pode ser observado na figura 6, reforça sua imagem de sofisticação e controle. O cuidado com sua vestimenta não é apenas um elemento visual, mas também uma extensão de sua personalidade narcisista e meticulosa.

O figurino de Hannibal é fundamental para a construção de sua imagem sofisticada e controlada, sendo um prolongamento de sua personalidade narcisista. Suas roupas são escolhidas com extremo cuidado, reforçando sua posição social, intelectual e o controle que exerce sobre si e os outros (LIMA, 2023, p. 6).

FIGURA 6 – Figurino de Hannibal Lecter



FONTE: *HANNIBAL*. Criação: Bryan Fuller. EUA: NBC, 2013-2015.

Portanto, a escolha estética desempenha um papel importante na subversão da moralidade tradicional (Braga et al., 2023, p. 112). Ao embelezar o horror, a série faz com que o público se sinta constantemente dividido entre repulsa ética diante das

ações de Hannibal e o fascínio visual e emocional por sua figura. Essa divisão moral do público é um dos aspectos centrais da narrativa de *Hannibal*, visto que a sedução estética do personagem é uma de suas armas mais eficazes de manipulação, influenciando diretamente a relação com os demais personagens e, principalmente, a percepção e o julgamento do próprio espectador.

A série constrói uma relação ambígua entre espectador e personagem, provocando uma constante oscilação entre a repulsa moral e a fascinação estética. Hannibal é apresentado como um anti-herói sedutor, cuja monstruosidade é suavizada pela beleza visual da encenação (LIMA, 2023, p. 7).

Em vista disso, a série constantemente desafia os limites entre o certo e o errado, criando uma experiência estética que transforma o horror em objeto de contemplação, e o vilão em uma figura sedutora e hipnotizante.

2.2.2 O espaço como reflexo da mente de Hannibal

O espaço, na série, funciona como uma extensão simbólica da psique de Hannibal, e cada cenário frequentado constantemente por ele, como seus consultório e sua casa, é construído para refletir sua personalidade multifacetada, ou seja, um caráter sofisticado, controlado, mas ao mesmo tempo perverso.

O consultório de Hannibal é um dos cenários mais emblemáticos dessa representação. Ele é composto por móveis de cores escuras e madeira, com estantes cheias de livros e peças de arte sofisticadas, que pode ser visto na figura 7.

FIGURA 7 – Consultório de Hannibal Lecter



FONTE: *HANNIBAL*. Criação: Bryan Fuller. EUA: NBC, 2013-2015.

Entretanto, essa ambientação sofisticada e intelectual é também um local usado para Hannibal conseguir manipular seus pacientes, principalmente o protagonista Will Graham.

Como já discutido anteriormente, a cozinha do personagem vai além de um ambiente de preparo de alimentos: é nesse espaço em que os atos violentos de Hannibal se transformam em arte. O espaço limpo, equipado, com utensílios de alta qualidade e até mesmo o modo como os ingredientes são preparados refletem o perfeccionismo e o desejo por controle do personagem.

Além disso, a própria casa de Hannibal é sofisticada e organizada, sendo composta por elementos como: tapeçarias, quadros e esculturas. Cada objeto parece ter sido escolhido com extremo cuidado para compor um ambiente que reflete o gosto refinado do personagem. No entanto, isso vai além de uma questão estética, essa ambientação pode ser interpretada como uma máscara simbólica que esconde a verdadeira natureza de Lecter.

Ademais, a casa do personagem funciona como um território de manipulação psicológica. Os jantares e as conversas que ocorrem nesse espaço, favorecem o controle de Hannibal sobre os demais personagens. Portanto, o contraste entre o ambiente sofisticado e a brutalidade que ele esconde, participa ativamente da construção da atmosfera de ambiguidade moral e estética que molda a narrativa. Nesse sentido, a casa não apenas abriga Hannibal, mas também materializa visualmente as camadas de sua psique sofisticada.

Although wrapped around Thomas Harris's source material, literary tradition absolutely steers the aesthetic of Bryan Fuller's Hannibal ... The sets create complex intertextual references that both ground the show as Gothic while also pulling from what Anthony Vidler calls 'the subgenres of the sublime – the grotesque, the caricature, the fairy story.'² (GRAVES, 2020, p. 45)

Com isso, em ambas as obras, *O Silêncio dos Inocentes* e *Hannibal*, o espaço na qual Hannibal Lecter habita se assemelham no sentido de serem uma materialização de sua psique, ou seja, tanto na cela fria e controlada do filme, quanto nos ambientes

² “Embora baseado no material de origem de Thomas Harris, a tradição literária conduz de forma decisiva a estética de *Hannibal*, de Bryan Fuller. Os cenários criam complexas referências intertextuais que, ao mesmo tempo em que situam a série no gênero gótico, também recorrem ao que Anthony Vidler chama de “subgêneros do sublime — o grotesco, a caricatura, o conto de fadas” (GRAVES, 2020, tradução autoral).

sofisticados e refinados da série, o espaço sempre é uma representação visual de seu carácter calculista e sereno. No entanto, essa atmosfera de ordem e tranquilidade, se contrasta com a violência e crueldade de seus atos, assim, reforçando a contradição central da construção do personagem, a serenidade aparente e a brutalidade latente.

Por outro lado, apesar de haver uma construção semelhante na representação visual da sofisticação e do controle nos espaços que Hannibal habita, o filme e a série estabelecem diferenças significativas na forma como o personagem é apresentado ao público. No filme, Hannibal é apresentado como um monstro enjaulado, deixando explícito o quão perigoso ele é desde sua primeira aparição. Já na série, além de não estar aprisionado, sua apresentação não representa de maneira evidente sua monstruosidade, porém, deixa claro sua sofisticação.

Dessa forma, tanto a série quanto o filme, desempenham um papel fundamental na construção da identidade narrativa e psicológica de Hannibal Lecter. Em ambas as obras, os ambientes são construções simbólicas que comunicam ao espectador aspectos profundos da personalidade do personagem. Assim, o espaço não apenas contextualiza as ações de Hannibal, mas também revela as contradições que definem sua psique, ou seja, a sofisticação estética que encobre a brutalidade, o controle que disfarça a violência e a beleza que mascara o horror.

Portanto, as representações de Hannibal nas duas obras partem de uma mesma matriz simbólica (inteligência, refinamento e controle), mas se distanciam quanto à função e à forma de expressar o horror. No filme, o personagem é uma força aprisionada e observada, cuja monstruosidade é visível e contida. Já na série, ele é uma força livre e encantadora, cuja monstruosidade é mascarada pela estética e pelo charme. Assim, Jonathan Demme constrói o medo através da vigilância, e Bryan Fuller, através da sedução.

3. HANNIBAL LECTER E OS 16 TRAÇOS DA PSICOPATIA EM CLECKLEY

3.1 HERVEY CLECKLEY E A MÁSCARA DA SANIDADE

Nascido nos Estados Unidos da América, Hervey Cleckley foi o psiquiatra pioneiro no estudo da psicopatia, cuja sua principal e mais conhecida obra é *A Máscara da Sanidade (The Mask of Sanity)*, publicado inicialmente no ano de 1941 e, tendo como versão mais atualizada as edições de 1976 e 1984. Cleckley apresenta, na obra, a psicopatia como uma condição mental distinta das psicoses, pois não manifesta delírios ou alucinações. Segundo o autor, o psicopata mantém uma aparência de normalidade e sanidade em seu comportamento externo, mas esconde um déficit profundo na vivência emocional e moral (CLECKLEY, 1976, p. 337).

Tal déficit é chamado de “demência semântica”, termo que se refere à incapacidade do psicopata de compreender de maneira autêntica os sentimentos humanos. Ainda que seja capaz de simular empatia e afetividade, essa simulação é superficial e não corresponde a uma experiência emocional genuína. Ademais, para Cleckley, trata-se de uma forma de incapacidade de atribuir significado real às experiências afetivas, o que torna a interação social do psicopata essencialmente mascarada.

3.1.1 Os 15 pacientes de Cleckley

Ao decorrer do livro, Cleckley apresenta relatos clínicos detalhados de 15 pacientes que exemplificam características fundamentais da psicopatia. Esses casos foram fundamentais para consolidar o perfil do psicopata moderno, revelando como indivíduos podem aparentar normalidade e equilíbrio emocional, ao mesmo tempo em que apresentam uma profunda incapacidade de vivenciar sentimentos autênticos (CLECKLEY, 1976, p. 345).

Os relatos apresentados são marcados pela contradição entre a vida social aparentemente funcional e o vazio afetivo subjacente. Os pacientes mostravam boa capacidade de expressão, inteligência e, em muitos casos, charme superficial. Todavia, essas qualidades eram acompanhadas por irresponsabilidade crônica, ausência de remorso e repetição de condutas nocivas. Além disso, Cleckley destacou

que o psicopata pode aparentar plena racionalidade, mas carece da vicência emocional que fundamenta a moralidade e a empatia (Schechtman, 2008, p. 429).

Nesse sentido, um dos relatos exemplos trazidos por Cleckley descreve um paciente que, apesar de demonstrar eloquência e convicção em seus discursos, revela-se incapaz de sustentar compromissos de longo prazo. Sua vida era marcada por promessas não cumpridas, mentiras recorrentes e indiferença em relação às consequências de seus atos (CLECKLEY, 1941, p. 152). Outro caso ilustra um indivíduo capaz de demonstrar momentos de cordialidade e sensibilidade superficial, contudo, constantemente se envolvia em situações de fraude e violência, sem qualquer sentimento de culpa. “A ausência de remorso aparece como um eixo estrutural da psicopatia, recoberto por uma máscara de aparente adaptação social” (Fernandes, 2009, p. 535).

Outrossim, em vários pacientes, a sexualidade também surge de forma trivializada, marcada por relações efêmeras e a incapacidade de estabelecer vínculos afetivos profundos. Cleckley descreve que, embora tais indivíduos fossem capazes de falar sobre amor e apego, tais sentimentos eram vividos de modo superficial, como representações vazias de significado. Portanto, isso reforça a noção de “demência semântica” proposta pelo autor: uma falha na atribuição de sentido autêntico às experiências emocionais (Cleckley, 1976, p. 210).

Dessa forma, as histórias dos 15 pacientes reunidas por Cleckley servem não apenas como ilustrações clínicas, mas também como evidências empíricas do caráter enganador da psicopatia. Esses indivíduos conseguiam manter a aparência de sanidade e até certo grau de funcionalidade social, mas revelam-se incapazes de vivenciar empatia, remorso ou responsabilidade genuína.

A grande contribuição de Cleckley está em demonstrar que o psicopata não é um louco clássico, mas um sujeito que se esconde atrás da normalidade para exercer sua patologia. (Fernandes, 2009, p. 538).

3.2 OS 16 TRAÇOS DE CLECKLEY

A partir de sua observação clínica de quinze pacientes psiquiátricos, Hervey Cleckley sistematizou, na obra *A Máscara da Sanidade* (1941), 16 traços de

personalidade que se tornaram o alicerce da concepção moderna de psicopatia. Esses critérios foram construídos como um esforço de diferenciar a psicopatia de quadros psicóticos ou neuróticos, enfatizando que, apesar da aparência de normalidade, tais indivíduos possuíam um déficit estrutural em sua vida afetiva, moral e interpessoal. Ademais, esses traços tornaram-se referência para estudos posteriores.

A originalidade da proposta de Cleckley consiste em apontar a coexistência paradoxal de funcionamento cognitivo preservado em uma falha radical na vida emocional. (Fernandes, 2009, p. 534).

As características que descrevem os 16 traços são:

1- Charme superficial e boa inteligência

O psicopata apresenta-se confiante, articulado e dotado de carisma, o que mascara suas limitações emocionais. Cleckley (1976, P. 339) observa que “não é raro que esses sujeitos causem impressão inicial de superioridade, parecendo mais ajustados do que pessoas ditas normais”.

2- Ausência de delírios e outros sinais de pensamentos irracionais

Diferentemente de indivíduos psicóticos, não manifestam delírios ou incoerências lógicas. Essa racionalidade aparente sustenta a chamada “máscara da sanidade”.

3- Ausência de nervosismo ou manifestações psiconeuróticas

Eles se mostram tranquilos, até mesmo em situações de risco ou julgamento moral. Essa calma não resulta de equilíbrio interno, mas da indiferença emocional frente às consequências.

4- Não confiabilidade

São incapazes de manter consistência em compromissos e relações interpessoais.

5- Tendência à mentira e insinceridade

A manipulação pela falsidade é uma característica recorrente. Cleckley (1976, p. 372) afirma que tais indivíduos “falam com eloquência sobre sentimentos morais que jamais experimentaram”.

6- Falta de remorso ou culpa

Não demonstram arrependimento, mesmo após provocar danos graves. Além disso, essa ausência de culpa é um dos critérios centrais que diferenciam a psicopatia de outros transtornos de personalidade.

7- Comportamento antissocial inadequadamente motivado

Suas transgressões são muitas vezes impulsivas ou desprovidas de causa proporcional. A violação de normas sugere como forma de excitação ou afirmação egocêntrica.

8- Julgamento pobre e falha em aprender com a experiência

Apesar da inteligência aparente, não corrigem condutas prejudiciais com base nas consequências. “Eles parecem incapazes de extrair ensinamentos das punições que sofrem” (Cleckley, 1976, p. 401).

9- Egocentrismo patológico e incapacidade para amar

O sujeito psicopata encontra-se centrado em si mesmo, reduzindo os outros a objetos. Não há possibilidade de amor genuíno ou de vínculos afetivos profundos.

10- Pobreza geral nas reações afetivas

A vida emocional é empobrecida, superficial e desprovida de nuances. Esse traço corresponde a “um vazio afetivo que nenhum simulacro de emoções consegue preencher”.

11- Perda da compreensão interna

Embora possam descrever seu comportamento, não possuem verdadeira consciência crítica de suas motivações internas. Destaca que a psicopatia é marcada por uma “cegueira moral” que compromete a autopercepção.

12- Não reatividade afetiva nas relações interpessoais

Demonstram indiferença diante de sentimentos alheios, reagindo de forma fria mesmo em contextos que normalmente evocariam empatia.

13- Comportamento extravagante e inconveniente, com ou sem bebida

São propensos a condutas excêntricas e irresponsáveis, que não necessariamente dependem do consumo de substâncias.

14- Ameaças de suicídio raramente praticadas

Embora façam ameaças, raramente concretizam tentativas, o que diferencia esse perfil de quadros depressivos.

15- Vida sexual impessoal, trivial e mal integrada

O envolvimento sexual é marcado pela impessoalidade, pela promiscuidade e pela ausência de intimidade emocional (Cleckley, 1976, p.210).

16- Falha em seguir qualquer plano de vida

Mostram-se incapaz de manter projetos de vida consistentes de longo prazo. A vida é fragmentada e desorganizada, apesar da aparência de potencialidade.

Em vista disso, esses traços descrevem o núcleo clínico da psicopatia, ou seja, é um transtorno que não se manifesta em delírios, alucinações ou desorganização cognitiva, mas sim em uma falha fundamental no campo afetivo e moral. “A máscara de sanidade é tão convincente que engana mesmo os mais experientes observadores” (Cleckley, 1976, p. 48).

3.3 HANNIBAL LECTER À LUZ DOS 16 TRAÇOS DE CLECKLEY

Com isso, tais características não apenas contribuíram para consolidação clínica do conceito de psicopata, mas também ultrapassaram o campo médico, influenciando a literatura e o cinema. A descrição proposta pelo psiquiatra serviu de parâmetro para a criação de personagens fictícios que encarnam a psicopatia de diversas maneiras.

Portanto, Hannibal Lecter se destaca, entre essas representações, como um dos exemplos mais emblemáticos e sofisticados. Construído a partir de um misto de charme, inteligência e crueldade, desse modo, o personagem evidencia os 16 traços descritos por Cleckley. Nesse sentido, a análise de Hannibal sob a ótica dos critérios de *A Máscara da Sanidade* possibilita o arquétipo do psicopata na narrativa audiovisual.

3.3.1 Charme superficial e boa inteligência

Cleckley identificou como o primeiro traço central da psicopatia o charme superficial aliado a boa inteligência, no qual descreve os indivíduos capazes de conquistar a confiança alheia através de uma aparência sedutora, educada e intelectualmente refinada. Essa característica mascara o transtorno subjacente, criando a “máscara da sanidade” que impede uma percepção imediata da periculosidade do sujeito.

Nesse sentido, a formação de Hannibal como psiquiatra e seu amplo conhecimento cultural, projetam uma imagem de sofisticação que encanta aqueles que o cercam. No filme *O Silêncio dos Inocentes* (1991) observa-se esse aspecto logo no primeiro encontro com a protagonista Clarice: sua capacidade de conduzir a conversa com elegância contrasta com a brutalidade de seus crimes, intensificando o impacto da cena.

Ademais, na série *Hannibal* (2013-2015), o personagem recebe convidados para jantares luxuosos, em que demonstra tanto seu conhecimento gastronômico quanto sua habilidade em criar um ambiente de confiança e admiração. Um exemplo marcante disso ocorre no episódio *Apéritif* (S01E01), quando Hannibal serve pratos sofisticados, mascarando de forma sutil a verdadeira natureza das preparações.

Portanto, o charme superficial e a boa inteligência em Hannibal tornam-no em uma figura que atrai e aterroriza, consolidando-se como arquétipo de psicopata sofisticado.

3.3.2 Ausência de delírios e pensamento racional

Diferente de quadros psicóticos, nos quais delírios e alucinações distorcem a percepção de realidade, o psicopata mantém uma racionalidade lúcida e lógica. Hare (1993) destaca que essa clareza mental é um dos aspectos mais perturbadores, pois

revela que os atos violentos não derivam de uma perda de contato com a realidade, mas sim de uma escolha fria e consciente do indivíduo.

Nesse sentido, Lecter se enquadra de forma precisa nesse traço, visto que, ao longo de *O Silêncio dos Inocentes* (1991), suas interações com Clarice evidenciam raciocínio articulado, sem qualquer sinal de irracionalidade. Um exemplo é o momento em que negocia informações sobre Buffalo Bill em troca de confidências pessoais da protagonista. O diálogo em tal cena é estruturado de forma lógica, com regras claras de “quid pro quo”, demonstrando uma mente estrategista que opera sem falhas perceptivas.

Ademais, na série, a racionalidade de Lecter se mostra ainda mais sofisticada. No episódio *Savoureux* (S01E13), a partir do momento em que Will Graham começa a desconfiar dele, Hannibal manipula situações de maneira meticulosa para incriminá-lo, plantando provas e conduzindo investigações em seu favor. A ausência de delírios é evidente: cada ação é calculada para garantir vantagem, revelando não um distúrbio irracional, mas uma inteligência voltada à manipulação e sobrevivência.

Isto posto, essa lucidez destaca-se como um dos aspectos mais inquietante do personagem, ou seja, Hannibal não mata por impulso irracional, mas a partir de um planejamento consciente e estético, articulando seus crimes como se fossem obras de arte macabras. Assim, o traço descrito por Cleckley encontra no personagem uma representação ficcional exemplar, que reforça a ideia de que a psicopatia é marcada pela razão instrumental em detrimento da irracionalidade (SCOTT, 2015, p. 58).

3.3.3 Ausência de nervosismo ou manifestação psiconeuróticas

Enquanto sujeitos neuróticos demonstram ansiedade, insegurança ou sofrimento psíquico de maneira evidente, o psicopata permanece frio e controlado, mesmo diante de situações de risco extremo. Essa calma anormal não é sinal de coragem, mas de indiferença afetiva, fruto da incapacidade de experimentar medo de forma genuína (HARE, 1993).

Em *O Silêncio dos Inocentes* (1991), sua primeira interação com Clarice é marcada por uma serenidade quase hipnótica, enquanto ela exhibe sinais de nervosismo, Hannibal, todavia, mantém postura ereta, olhar fixo e tom de voz controlado, impondo domínio psicológico sobre a situação.

Já na série *Hannibal* (2013–2015), essa ausência de nervosismo é constantemente reiterada, no episódio *Mukōzuke* (S02E05), por exemplo, após assassinar um investigador do FBI, Hannibal permanece tranquilo ao preparar e servir uma refeição, como se o crime fosse parte natural de sua rotina. Outro exemplo marcante ocorre em *Mizumono* (S02E13), quando, mesmo prestes a ser descoberto, enfrenta Jack Crawford em uma luta brutal mantendo autocontrole até os momentos finais, sem sinais de desespero ou perda de compostura.

Logo, Hannibal encarna a “estética da calma predatória”, em que a ausência de nervosismo reforça a ideia de predador consciente, que nunca age por impulso, mas por estratégia (Ziomek, 2018, p. 91).

3.3.4 Imprevisível ou pouco confiável

O psicopata pode aparentar lealdade e cooperação, mas em momentos cruciais rompe expectativas, revelando-se traiçoeiro. Essa mudança entre a aparência confiável e a ação violenta reforça a dificuldade de prever seus comportamentos, criando um ambiente de constante instabilidade relacional.

Em vista disso, a colaboração de Hannibal com Clarice está sempre atravessada pela incerteza, ainda que forneça informações úteis, nunca o faz sem manipular, exigindo trocas que beneficiem seus próprios interesses. A aparente cooperação se revela como um jogo de poder, em que Hannibal pode virar contra qualquer aliado a qualquer momento.

Ademais, em *Hannibal* (2013–2015), no episódio *Mizumono* (S02E13), após nutrir uma relação de cumplicidade complexa com Will Graham, Hannibal o apunhala inesperadamente, demonstrando que qualquer vínculo afetivo que constrói é frágil. Esse momento realça a impossibilidade de confiar em Hannibal, ou seja, mesmo quando parece emocionalmente envolvido, sua natureza traiçoeira prevalece. Outro exemplo se encontra em *Dolce* (S03E06), quando Hannibal, ao invés de fugir em segurança com Bedelia (psiquiatra e colega de Hannibal), permanece em Florença, provocando deliberadamente sua captura, um gesto imprevisível que frustra tanto aliados quanto perseguidores.

Consequentemente, essa dimensão do personagem reforça o caráter “predador estratégico” de Lecter, que age segundo sua própria lógica estética e filosófica, e não conforme qualquer moral ou previsibilidade social. Psicopatas de alto funcionamento

frequentemente combinam autocontrole com um comportamento imprevisível para maximizar sua dominação sobre os outros (Lilienfeld, 2016, p. 24).

Nesse sentido, Hannibal encarna precisamente esse paradoxo, se caracterizando como um ser de autocontrole extremo, mas de escolhas sempre incertas, que impossibilitam qualquer relação de confiança.

3.3.5 Falsidade e insinceridade

Cleckley descreve a falsidade e a insinceridade como um dos traços mais evidentes da psicopatia. O sujeito constrói narrativas convincentes, mas que servem apenas a seus próprios interesses, revelando uma incapacidade de estabelecer relações genuínas. O discurso e a postura exterior funcionam como máscaras que escondem sua verdadeira natureza, dificultando a percepção de sua manipulação.

Com isso, Hannibal Lecter representa esse traço com clareza tanto no cinema quanto na televisão. No filme, sua relação com Clarice é marcada por uma aparente franqueza, mas sempre revestida de segundas intenções. Quando promete ajudar nas investigações em troca de informações íntimas sobre a vida da agente, cria a ilusão de uma troca justa, mas na realidade explora a vulnerabilidade emocional de Clarice para ampliar seu domínio psicológico. Sua fala eloquente e refinada mascara a insinceridade fundamental de seus acordos.

Na série, essa característica é ainda mais acentuada. Em *Apéritif* (S01E01), Hannibal manipula o FBI desde o início, fornecendo diagnósticos e opiniões aparentemente confiáveis, mas que servem apenas para proteger sua identidade como assassino. Ademais, outro exemplo emblemático ocorre em *Naka-Choko* (S02E10), quando ele induz Will Graham a um suposto pacto de cumplicidade, encorajando-o a matar, enquanto finge se colocar como figura de confiança e amizade. Essa duplicidade revela como Hannibal cria laços baseados na mentira, sustentados pela sua habilidade de encantar e convencer.

O psicopata não apenas mente para escapar de situações adversas, mas transforma a falsidade em um modo de interação social, utilizando-a para seduzir, dominar e manipular (WATTS; LILIENFELD, 2016, p. 132).

Hannibal é a encarnação dessa lógica, ou seja, sua falsidade não é circunstancial, mas estrutural, sendo parte essencial da forma como se relaciona com o mundo.

Assim, a insinceridade de Lecter contribui para a aura de mistério e perigo que o envolve. O espectador é colocado na mesma posição que seus interlocutores: nunca se pode ter certeza de onde termina a verdade e começa a manipulação.

3.3.6 Falta de remorso ou vergonha

A falta de remorso ou vergonha é um dos traços centrais da psicopatia, visto que o indivíduo não sente culpa genuína pelos danos causados a outros, independentemente da gravidade de suas ações, e suas transgressões não geram desconforto moral autêntico (CLECKLEY, 1976, p. 382).

Dessa maneira, Hannibal Lecter exemplifica esse traço em múltiplas cenas tanto do filme *O Silêncio dos Inocentes* (1991) quanto da série *Hannibal* (2013–2015). No filme, após assassinar e esquartejar o guarda do hospital, Hannibal não demonstra qualquer remorso ou hesitação, pelo contrário, executa suas ações com frieza, evidenciando a ausência de constrangimento ou arrependimento.

Essa característica é ainda mais explorada na série. Em *Sorbet* (S02E01), Hannibal assassina uma de suas vítimas e prepara um elaborado jantar usando sua carne, sem mostrar qualquer sentimento de culpa, enquanto mantém interações sociais perfeitamente normais. A normalidade e cortesia que demonstra contrastam com a gravidade e brutalidade de seus atos, enfatizando sua ausência de vergonha.

A falta de remorso presente em Hannibal também se manifesta em seu comportamento manipulador e estratégico. Ele reconhece a moralidade convencional e a utiliza como ferramenta para enganar e controlar outros, mas não a internaliza. Assim, enquanto aparenta cortesia, sofisticação e até um certo encanto social, permanece indiferente ao sofrimento alheio que causa.

A ausência de remorso nos psicopatas é frequentemente acompanhada de uma capacidade de racionalizar ou justificar seus atos, tornando-os capazes de perpetrar crimes graves sem conflito interno (Watts; Lilienfeld, 2016, p. 140). Hannibal exemplifica isso de forma perfeita, devido a suas ações extremas e brutais que são realizadas com plena consciência por parte do personagem, mas sem qualquer peso moral. Portanto, a falta de remorso ou vergonha de Hannibal Lecter é um componente essencial de sua psicopatia, contribuindo para seu caráter ameaçador e para o fascínio que exerce sobre outros personagens e sobre o público.

3.3.7 Comportamento antissocial inadequadamente motivado

O comportamento antissocial inadequadamente motivado, definido por Cleckley, é a tendência do psicopata de agir de maneira socialmente inaceitável sem uma justificativa moral, racional ou social aparente. Desse modo, os atos são impulsionados por prazer pessoais, controle ou experimentação, sem considerar normas ou leis.

Hannibal Lecter demonstra essa característica em diversas cenas da série, por exemplo: nos episódios *Sorbet* (S02E01) e *Relvés* (S01E05) mostram Hannibal matando e manipulando suas vítimas de maneira meticulosamente planejadas, mas motivadas principalmente pelo prazer estético e psicológico.

FIGURA 8 – Cena de crime feita por Hannibal Lecter



FONTE: *HANNIBAL*. Criação: Bryan Fuller. EUA: NBC, 2013-2015.

Ademais, observando a figura 8, é possível concluir que, Hannibal transforma o assassinato em um ritual, escolhendo de forma extremamente cuidadosa suas vítimas e a forma na qual executa cada ato, assim, enfatizando seu controle absoluto e a dimensão performática de sua violência.

Assim como em *Hannibal* (2013-2015), o filme *O Silêncio dos Inocentes* (1991), a motivação de Hannibal é uma mistura de poder, manipulação e experimentação intelectual. Pode-se notar essas características diversas vezes durante as cenas do

primeiro encontro e do interrogatório. Essas interações entre o psiquiatra e a protagonista, Clarice, cada movimento da personagem é calculado para estudar, testar e influenciar a agente do FBI, além de satisfazer os próprios interesses e curiosidades psicológicas de Hannibal.

Todavia, a natureza antissocial de Hannibal difere do estereótipo clássico de psicopata impulsivo. O personagem age com racionalidade e estratégia, tornando sua violência algo extremamente planejado, assim evidenciando a sofisticação de sua psicopatia, reforçando que sua motivação é pessoa e desvinculada de qualquer necessidade externa ou emocional genuína.

3.3.8 Julgamento pobre e fracasso em aprender com a experiência

Ademais, Cleckley pontua que psicopatas geralmente apresentam julgamento deficiente e falham em aprender com experiências passadas, fazendo com que repitam comportamentos prejudiciais sem uma reflexão por parte do indivíduo. Assim, essa característica evidencia um déficit na avaliação das consequências de suas ações, tornando-os socialmente e moralmente imprevisíveis.

Entretanto, Hannibal Lecter se distancia dessa característica, em ambas as obras, ele demonstra extrema capacidade de julgamento e aprendizagem. A par disso, ele analisa de maneira cuidadosa cada situação, prevendo consequências e ajustando suas estratégias conforme necessário. No filme *O Silêncio dos Inocentes* (1991), sua fuga do hospital é planejada meticulosamente, calculando cada passo, assim evitando qualquer erro e demonstrando controle absoluto sobre o ambiente e as pessoas envolvidas.

Na série, por sua vez, os episódios *Œuf* (S01E03) e *Buffet Froid* (S02E11) mostram que, mesmo após situações de risco, Hannibal consegue adaptar e aprender seus comportamentos, assim aperfeiçoando seus métodos de manipulação e assassinato. E mais. Ele observa as reações de suas vítimas e de agentes como Will Graham, ajustando sua abordagem para maximizar controle e eficiência.

Portanto, embora muitas das 16 características de Cleckley se encaixem em Hannibal, o julgamento preciso e a aprendizagem com experiências passadas representam uma exceção significativa. Isto posto, ele se apresenta como um psicopata de alto funcionamento, capaz de planejar e adaptar-se, diferenciando-se do estereótipo de psicopata impulsivo. Essa ressalva reforça sua complexidade e

sofisticação como personagem, tornando-o mais calculista e menos previsível do que o “modelo” proposto por Cleckley.

3.3.9 Egocentrismo patológico e incapacidade para o amor

De acordo com Cleckley, os psicopatas apresentam egocentrismo extremo e dificuldade em amar verdadeiramente, tratando as relações interpessoais de forma instrumental e egoísta. Dessa forma, Hannibal, Hannibal evidencia uma capacidade limitada de afeto genuíno, mesmo quando estabelece vínculos aparentes com personagens como Clarice Starling ou Will Graham.

Na série, a relação de Lecter com Will Graham é emblemática, na qual Hannibal desenvolve uma ligação intensa e obsessiva, mas não baseada em amor ou compaixão. Ou seja, ele observa e manipula Will, antecipando seus sentimentos e decisões, transformando a relação em um jogo de controle psicológico (Temporada 1, episódios *Apéritif* e *Œuf*). Dado isso, essa ligação demonstra admiração e fascínio, mas nunca um amor genuíno, sendo sempre medida pelo interesse próprio e pelo prazer em exercer influência sobre o protagonista.

Sob essa ótica, no filme, Hannibal usa as vulnerabilidades emocionais de Clarice para conduzir a investigação, testar a protagonista e consolidar seu poder intelectual. Na primeira entrevista na prisão, ele expõe as inseguranças de Clarice com o objetivo de manipulá-la:

You know what you look like to me, with your good bag and your cheap shoes? You look like a rube. A well- scrubbed, hustling rube with a little taste... Good nutrition has given you some length of bone, but you're not more than one generation from poor white trash, are you Agent Starling...? (O Silêncio dos Inocentes, 1991).³

Dessa maneira, ele demonstra controle sobre a situação e prioriza seus próprios interesses.

Diante do exposto, o egocentrismo de Hannibal Lecter se manifesta na forma de relações utilitárias e fascinantes, porém distantes emocionalmente, assim reforçando

³“Sabe como você me parece, com essa bolsa boa e esses sapatos baratos? Parece uma caipira. Uma caipira bem-arrumada, apressada, com um pouquinho de bom gosto...A boa alimentação lhe deu um certo comprimento de ossos, mas você não está a mais de uma geração do lixo branco pobre, não é, agente Starling...? ” (O Silêncio dos Inocentes, 1991, tradução autoral).

o perfil de psicopata de alto funcionamento e diferenciando-o de estereótipos de personagens mais impulsivos ou incapazes de planejar afetivamente suas ações.

3.3.10 Pobreza geral das grandes reações afetivas

Como apontado em *A Máscara da Sanidade* (1976), os psicopatas apresentam respostas emocionais superficiais, inconsistentes ou inexpressivas. Diante disso, Hannibal Lecter, na série, durante interações nos episódios *Apéritif* (S01E01) e *Œuf* (S01E03) com Will, ele demonstra essa característica de maneira clara. Ele consegue se colocar na mente do protagonista, antecipando suas respostas emocionais, porém, as próprias emoções de Hannibal são superficiais, utilizando-as apenas como ferramenta de manipulação.

Já no filme, esse traço pode ser observado na cena em que ele relata de forma casual e elegante as brutalidades canibais que já cometeu: “*A census taker once tried to test me. I ate his liver with some fava beans and a nice Chianti*”⁴ (*O Silêncio dos Inocentes*, 1991). Essa fala mostra a completa ausência de repulsa ou remorso, combinando frieza emocional e sofisticação, criando um impacto psicológico tanto na personagem quanto no público.

Todavia, essa pobreza afetiva não significa total ausência de emoção, mas sim uma manipulação consciente das próprias respostas emocionais, reforçando o perfil de psicopata sofisticado e altamente funcional, sendo capaz de manter relações e interações sociais aparentando normalidade enquanto instrumentaliza afetos alheios.

3.3.11 Perda específica de introspecção

Apesar da psicopatia envolver uma perda específica da introspecção, Hannibal Lecter, no entanto, demonstra plena consciência de sua condição, refletindo sobre suas motivações e sobre o impacto de seus crimes. Ele não apenas reconhece sua natureza, como também a abraça como expressão de identidade e poder.

Durante conversar com sua psiquiatra, Bedelia Du Maurier, Hannibal discute seus impulsos e crimes com lucidez e clareza, sem qualquer sinal de autoengano ou alienação psíquica. Bedelia chega a afirmar que ele se comporta como alguém que

⁴ “Certa vez, um recenseador tentou me testar. Eu comi seu fígado com algumas favas e um bom Chianti.” (*O Silêncio dos Inocentes*, 1991, tradução autoral).

“se delicia com a própria consciência moral distorcida”, reforçando assim seu alto nível de autopercepção (Temporada 2, episódios *Kaiseki* e *Mizumono*).

“We begin by coveting what we see every day⁵” (*O Silêncio dos Inocentes*, 1991), essa fala dita por Hannibal demonstra clara introspecção, refletindo sobre a origem dos desejos humanos e, de maneira indireta, sobre sua própria compulsão canibal.

3.3.12 Insensibilidade em relações interpessoais

Diante da tendência do psicopata a perceber as relações sociais apenas como meios para atingir objetivos próprios, na série, apesar de ter uma relação complexa, e até mesmo íntima com Will, a dinâmica entre os dois personagens é sustentada por um jogo de manipulação e controle, explicitada em episódios como *Savoureux* (S01E13), Hannibal incrimina Will por crimes que ele próprio cometeu, isto é, ao mesmo tempo em que destrói sua imagem e saúde mental do investigador, ele também oferece apoio terapêutico.

Ademais, no filme, sua relação com Clarice segue a mesma lógica, ou seja, ao mesmo tempo em que demonstra interesse por ela, esse interesse é pautado pela oportunidade de explorar suas vulnerabilidades. No diálogo citado anteriormente, Hannibal afirma: “*You know what you look like to me with your good bag and your cheap shoes? You look like a rube [...]*”⁶ (*O Silêncio dos Inocentes*, 1991), dessa maneira, ele demonstra prazer em expor as fragilidades de Clarice, sem qualquer empatia genuína. Portanto, a insensibilidade interpessoal presente em Hannibal não se manifesta pela frieza crua, mas pela habilidade de mascarar a indiferença com cortesia, charme e sofisticação, assim tornando-o ainda mais perigoso.

3.3.13 Comportamento fantástico e desagradável, com ou sem bebida

Ademais, a psicopatia apresenta atitudes extravagantes, bizarras ou desagradáveis, fazendo o indivíduo agir de uma maneira teatral ou até mesmo grotesca. A evidência desse traço no filme, está presente na cena em que Hannibal

⁵ “Começamos desejando aquilo que vemos todos os dias.” (*O Silêncio dos Inocentes*, 1991, tradução autoral).

⁶ “Sabe como você me parece, com essa bolsa boa e esses sapatos baratos? Parece uma caipira [...]” (*O Silêncio dos Inocentes*, 1991, tradução autoral).

ataca dois guardas dentro de sua cela, utilizando a violência extrema para escapar. Dessa maneira, a organização do ataque, a frieza com que executa os policiais e a teatralidade de vestir a face de um deles como disfarce revelam um comportamento chocante e performático.

Nesse sentido, na série, esse aspecto é visto nos jantares que são preparados pelo canibal e, apesar de serem apresentados com uma estética impecável, o espectador tem plena consciência de que os pratos são feitos de carne humana. Logo, o contraste entre sofisticação e brutalidade reforça o caráter fantástico e desagradável de Hannibal, pois transforma um ato de violência em uma experiência social que aparenta ser elegante.

Visto isso, sua teatralidade não se restringe à violência explícita, ele transforma cada gesto grotesco em uma performance que desafia as fronteiras entre civilidade e brutalidade. Assim, o comportamento de Hannibal se revela como parte construtiva de sua identidade, fazendo do bizarro um espetáculo.

3.3.14 Ameaças de suicídio raramente praticadas

Ao contrário do que observado na construção do personagem, isto é, Hannibal se preserva de maneira estratégica, evitando qualquer ato que interrompa sua performance social e criminal, os psicopatas tendem a fazerem ameaças de suicídios como forma de manipulação ou dramatização, mas raramente às praticam.

Esse distanciamento entre Lecter e o modelo descrito por Cleckley, é evidente em cenas que, embora tenha sido capturado, ele nunca expressa intenção de pôr fim à própria vida, pelo contrário, ele utiliza essas situações para aprofundar seus jogos de manipulação psicológica. Portanto, sua lógica não é a da autodestruição ou do uso manipulativo do suicídio, mas sim a da autopreservação como meio de sustentar sua performance de poder, violência e sofisticação.

3.3.15 Vida sexual impessoal, trivial e mal integrada

Em Hannibal Lecter, esse traço aparece de forma peculiar, visto que não se enquadra perfeitamente na definição proposta por Cleckley que se caracteriza pela ausência de envolvimento afetivo profundo e pela trivialidade das relações íntimas.

Suas relações tendem a ser marcadas por fascínio intelectual e controle psicológico, não por envolvimento íntimo autêntico.

Apesar de sugerir uma impessoalidade no campo sexual que condiz com a descrição de Cleckley, Hannibal não apresenta uma vida sexual trivial. No episódio *Mukōzuke* (S2E5), esse aspecto fica evidente quando a encenação estética dos corpos mortos associa violência e desejo, revelando uma sexualidade simbólica e distorcida, mas nunca vivida em termos afetivos ou relacionais comuns.

Assim, embora Lecter compartilhe com a definição de Cleckley em relação a incapacidade de estabelecer intimidade emocional genuína, ele se distancia da concepção de trivialidade sexual, apresentando uma sublimação da sexualidade em sua estética de poder e dominação.

3.3.16 Fracasso em seguir qualquer plano de vida

Em contraste com a definição clássica de Cleckley que consiste na dificuldade em manter planos de vida consistente, Hannibal Lecter se destaca como uma exceção a esse traço. Ele demonstra uma impressionante capacidade de planejamento e de manter uma coerência de vida ao longo dos anos. Ademais, na série, observa-se que cada assassinato é pensado com um cuidado artístico e simbólico, configurando-se como uma obra de arte macabra. Isso exige um planejamento minucioso e uma continuidade em seus métodos, que desafia diretamente o critério do fracasso em seguir planos de vida.

Além disso, ele é extremamente calculista, sustentando durante anos uma vida dupla que demanda disciplina e controle. No filme, sua fuga também ilustra seu senso de planejamento, visto que cada detalhe da cena é antecipado, ou seja, Hannibal demonstra total capacidade de manter planos complexos e de longo prazo com extrema eficácia.

Desse modo, esse traço pode ser considerado uma das exceções mais evidentes na análise de Hannibal Lecter, reforçando a ideia de que ele é uma versão mais sofisticada do psicopata, ultrapassando os limites clínicos e se tornando-o uma figura mitologia da cultura contemporânea.

4. AS RELAÇÕES DE HANNIBAL LECTER

A relações de Hannibal Lecter constituem um dos principais eixos para a compreensão de sua construção narrativa e psicológica. Tais interações evidenciam características fundamentais do perfil psicopático, como já citado anteriormente, o charme superficial, a manipulação constante e a ausência de empatia genuína, funcionando como instrumentos através dos quais o personagem exerce poder e controle sobre os demais (CLECKLEY, 1976, p. 343; HARE, 1993, p. 55).

As conexões estabelecidas com os demais personagens nas obras *O silêncio dos Inocentes* (1991) e *Hannibal* (2013-2015) ilustram a complexidade de sua personalidade. Assim, o estudo das relações de Hannibal Lecter permite um melhor entendimento de sua construção como um psicopata fascinante que ultrapassa o papel de um simples antagonista. O personagem assume contornos multifacetados que transitam entre mentor, adversário e enigma. Portanto, a análise dessas interações é fundamental para a compreensão do impacto psicológico e narrativo que o personagem exerce no conjunto da obra.

4.1 HANIBAL E WILL GRAHAM

A relação entre Hannibal Lecter e Will Graham é um dos eixos mais complexos da série *Hannibal* (FULLER, 2013-2015), pois combina características como o fascínio intelectual, manipulação psicológica e um vínculo emocional distorcido. Esse laço entre os dois personagens exemplifica diversos traços de psicopatia descritos por Cleckley (1976), revelando como Hannibal cultivava proximidade ao mesmo tempo em que mantém intacta sua frieza afetiva. Dessa maneira, evidenciando o charme superficial e a boa inteligência.

Nesse sentido, no episódio *Apéritif* (S01E01), ele se apresenta a Will da seguinte maneira “*You are my patient, my strange pupil – and I am your teacher*”⁷. Essa frase pode ser interpretada como um jogo de poder que, “transforma a relação terapêutica em terreno de domínio psicológico, onde o saber médico serve como instrumento de sedução e controle” (VERÍSSIMO, 2020, p. 142).

⁷ “Você é meu paciente, meu estranho discípulo – e eu sou seu professor.” (*Hannibal*, 2013-2015, S01E01, tradução autoral)

Ademais, ao longo da primeira temporada, Hannibal manipula Will afetando sua saúde mental e a percepção sobre si mesmo, algo evidente no episódio *Potage* (S01E03). Will apresenta claros sinais de instabilidade psicológica, porém Hannibal afirma: “*You’re not crazy. You’re just seeing the world in a way no one else can*”⁸. Apesar de parecer tranquilizadora, a fala revela manipulação e mentira patológica, visto que Lecter oculta completamente a gravidade da encefalite que ele próprio encobre.

Além disso, no episódio *Kaiseki* (S02E01), a fala “*I want you to live... for me*” dita por Lecter trata-se de um exemplo claro de falsa simpatia, no qual o psicopata “simula afeto para instrumentalizar a intimidade” (LILIENFELD, 2016, p. 214). Essa ambiguidade é reforçada em *Su-zakana* (S02E08), no momento que Hannibal diz: “*We are two sides of the same coin*”⁹, construindo a ideia de cumplicidade.

Outrossim, na conclusão da série, em *The Wrath of the Lamb* (S03E13), Hannibal declara a Will: “*You understand me better than anyone, yet you remain my greatest enigma*”¹⁰. Essa frase demonstra o caráter paradoxal do vínculo entre eles, isto é, Hannibal reconhece em Will alguém capaz de compreender sua essência de modo singular, mas que permanece insoldável. Portanto, essa ambiguidade sintetiza a complexidade da relação marcada por fascínio e manipulação, além disso, reforça o traço psicopata de distância afetiva disfarçada de intimidade (CLECKLEY, 1976, p. 401), ou seja, mesmo quando simula afeição, Hannibal preserva o controle e mantém Will como um enigma que jamais pode dominar inteiramente.

Assim, a relação entre Hannibal Lecter e Will Graham demonstra como os traços da psicopatia podem se manifestar em vínculos interpessoais complexos, onde a intimidade é apenas simulada.

4.2 HANNIBAL LECTER E CLARICE STRALING

A relação entre Hannibal Lecter e Clarice Starling, desenvolvida no filme *O Silêncio dos Inocentes* (1991) é construída a partir de uma tensão permanente entre poder, sedução intelectual e manipulação, revelando traços como o charme

⁸ “Você não é louco. Você apenas vê o mundo de uma forma que mais ninguém consegue.” (Hannibal, 2013-2015, S01E03, tradução autoral)

⁹ “Somos duas faces da mesma moeda.” (Hannibal, 2013-2015, S02E08, tradução autoral).

¹⁰ “Você me entende melhor do que ninguém, mas ainda assim continua sendo meu maior enigma.” (Hannibal, 2013-2015, S03E013, tradução autoral).

superficial, a ausência de remorso e a habilidade de controle emocional sobre os demais. Hannibal enxerga em Clarice não apenas uma aprendiz em formação, mas também um desafio psicológico, explorando as fragilidades emocionais dela para estabelecer uma relação de reciprocidade ambígua.

Além disso, Hannibal demonstra sua habilidade de ler o comportamento de Clarice desde o início: “*You use Evian skin cream, and sometimes you wear L’Air du Temps, but not today*¹¹”. Esse momento caracteriza o psicopata como alguém capaz de exercer um fascínio sedutor e inquietante para conquistar a confiança alheia.

Em uma das cenas centrais, quando Hannibal exige que Clarice revele memórias traumáticas de sua infância para que ele forneça pistas sobre Buffalo Bill, surge a famosa frase: “*Quid pro quo. I tell you things, you tell me things. Not about this case, though, about yourself. Quid pro quo. Yes or no? Yes or no, Clarice?*”¹² Tal negociação transforma a investigação em um jogo de trocas psicológicas, evidenciando a manipulação e a ausência de remorso ao utilizar o sofrimento de Clarice como moeda.

Ademais, a ambiguidade desse vínculo atinge seu ápice no final do filme, no momento que Hannibal, já foragido, liga para Clarice e se despede: “*I do wish we could chat longer, but I’m having an old friend for Dinner*”¹³. Essa frase reafirma uma conexão intelectual que vai além de uma simples relação entre criminoso e agente da lei.

Portanto, a interação entre Hannibal e Clarice exemplifica os traços descritos por Cleckley e revela, também, um fascínio intelectual que o distingue do psicopata “clássico”. A dinâmica entre eles cria um espaço de sedução mútua, onde poder e vulnerabilidade se entrelaçam (SCHMID, 2005, p. 87), assim tornando Lecter um mentor, adversário e enigma para Clarice.

¹¹ “Você usa creme facial Evian e, às vezes, L’Air du Temps, mas não hoje.” (*O Silêncio dos Inocentes*, 1991, tradução autoral).

¹² “Quid pro quo. Eu te conto coisas, você me conta coisas. Mas não sobre este caso, e sim sobre você. Quid pro quo. Sim ou não? Sim ou não, Clarice?” (*O Silêncio dos Inocentes*, 1991, tradução autoral).

¹³ “Gostaria de poder conversar mais, mas vou receber um velho amigo para o jantar.” (*O Silêncio dos Inocentes*, 1991, tradução autoral).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo central analisar a construção da figura de Hannibal Lecter nas obras *O Silêncio dos Inocentes* (1991) e na série *Hannibal* (2013-2015), com base no clássico estudo de Hervey Cleckley em *The Mask of Sanity* (1976). O estudo partiu-se da seguinte questão de pesquisa: de que maneira Hannibal Lecter encarna os 16 traços de psicopatia descritos por Cleckley?

Ao longo do desenvolvimento, demonstrou-se que Hannibal ilustra aproximadamente doze dos dezesseis traços de psicopatia descritos por Hervey Cleckley, entre eles o charme superficial, a ausência de remorso, a manipulação, o egocentrismo patológico, a pobreza de reações afetivas e o raciocínio lógico impecável. Observa-se, contudo, que alguns aspectos clássicos do modelo cleckleyano aparecem de forma atenuada ou ausente, como a perda de insight, a irresponsabilidade interpessoal e o comportamento impulsivo, substituídos por um perfil de extrema racionalidade, controle e sofisticação. Essa diferença evidencia que, nas representações audiovisuais, a psicopatia é reinterpretada sob uma perspectiva estética e simbólica, produzindo um sujeito que combina frieza emocional e refinamento intelectual, distanciando-se, assim, do estereótipo clínico do criminoso desorganizado e irracional.

Ademais, a análise das relações de Hannibal com Will Graham e Clarice Starling reforça esse argumento, visto que, observa-se a presença de manipulação, empatia seletiva que não corresponde ao padrão de frieza absoluta descrita por Cleckley e, principalmente, vínculos ambíguos, combinando fascínio e dominação. Além disso, tais relações revelam como a narrativa transforma os conceitos psiquiátricos em recursos estéticos e psicológicos para construir um antagonista de complexidade rara.

Dessa forma, a pesquisa confirma a hipótese inicial de que Hannibal Lecter funciona como um “psicopata cinematográfico” que, ao mesmo tempo em que encarna a maior parte dos 16 traços de Cleckley, também desafia a rigidez do conceito clínico. Como contribuição teórica, este estudo evidencia o potencial do diálogo entre psicanálise, criminologia e estudos de audiovisual para repensar a representação da psicopatia a cultura contemporânea.

Entre as limitações, destaca-se que a análise ficou restrita a um recorte específico das obras (*O Silêncio dos Inocentes* e *Hannibal*) deixando de fora livros e outras

adaptações que poderiam oferecer outro ponto de vista sobre a relação de Hannibal com os demais personagens.

Além disso, observa-se que *O Silêncio dos Inocentes* apresenta um Hannibal Lecter mais enigmático e contido, cuja ameaça se manifesta pela presença silenciosa e pelo poder do olhar. Por outro lado, a série *Hannibal* amplia sua dimensão psicológica e estética, explorando com profundidade seus vínculos emocionais e o refinamento de sua mente. Essa diferença evidencia a transição de um vilão meticuloso e distante para uma figura mais complexa e simbólica, em que o horror se mistura à beleza e à racionalidade.

Portanto, a figura de Hannibal Lecter confirma que a ficção não apenas reproduz categorias psiquiátricas, mas também as transforma, desafiando os limites clínicos e morais, demonstrando que o psicopata pode ser, ao mesmo tempo, monstro, intelectual e mito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOEIRA, Priscila. *Bon Appétit: construção narrativa e visual da série Hannibal*.

Tecnocultura Audiovisual, 2021. Disponível em:

<https://tecnoculturavisual.com.br/bon-appetit-hannibal>. Acesso em: 10 jun. 2025.

BRAGA, L.; GOMES, A.; SOUSA, P. *Psicopatologia e psicanálise*. Belo Horizonte:

PUC Minas Virtual, 2023. Disponível em: <https://virtual.pucminas.br/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

CLECKLEY, Hervey. *A máscara da sanidade*. 5. ed. St. Louis: Mosby, 1976.

DEMME, Jonathan (Direção). *The Silence of the Lambs* [Filme]. EUA: Orion Pictures, 1991.

DUBUGRAS, M. T. B.; FERNANDES, C. S.; LOPES, C. S. A imagem do psiquiatra em filmes premiados: estereótipos e realidade. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, v. 29, n. 3, p. 272–279, 2007. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rprs/a/YM594dzYX7cfTZT3b3WRnpK/?lang=pt&format=pdf>.

Acesso em: 1 jun. 2025.

ECO, Umberto. *Os limites da interpretação*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1989.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 21. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

FRANKLIN, Anna. *Behind the mask: the making of The Silence of the Lambs*. Los Angeles: Orion Press, 2000.

FREITAS, A. C. O amor pode “curar” um psicopata? *Público*, 18 set. 2017.

Disponível em: <https://www.publico.pt/2017/09/18/ciencia/noticia/o-amor-pode-curar-um-psicopata-1785583>. Acesso em: 10 jun. 2025.

FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. *O ego e o id*. 1923.

FREUD, Sigmund. O inconsciente. In: FREUD, Sigmund. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 2001. p. 13–74.

FULLER, Bryan (Criação). *Hannibal* [Série de TV]. Produção: Dino De Laurentiis Company; Gaumont International Television. Direção: David Slade et al. Elenco: Mads Mikkelsen, Hugh Dancy, Laurence Fishburne. EUA: NBC, 2013–2015. 3 temporadas.

HARE, Robert D. *Sem consciência: o mundo perturbador dos psicopatas que vivem entre nós*. Tradução de Ivan de Alencar. São Paulo: Fontanar, 2013.

HARRIS, Thomas. *O silêncio dos inocentes*. Tradução de Beth Vieira. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1989.

LACAN, Jacques. *Escritos*. 1958.

MURRAY, Noel. Anthony Hopkins on Hannibal Lecter and *The Silence of the Lambs*. *The A.V. Club*, 2013. Disponível em: <https://www.avclub.com/anthony-hopkins-on-hannibal-lecter-and-the-silence-of-th-1798237534>. Acesso em: 10 jun. 2025.

PUC MINAS. A complexidade narrativa e artística de *Hannibal*. *Blog FCA PUC Minas*, 2021. Disponível em: <https://fca.pucminas.br/blog/hannibal>. Acesso em: 10 jun. 2025.

SCHNEIDER, Kurt. *Psicopatias*. Tradução de João dos Santos e Alfredo Fernandes. Lisboa: Livraria Almedina, 1950.

SILVA, L. F. Análise do transtorno de personalidade antissocial em Hannibal Lecter. *Revista Saúde Multidisciplinar*, 2018.

SOBCHACK, Vivian. *The scene of the screen: envisioning cinematic and electronic "presence"*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.